

SEXO E RAÇA: A MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO BAIANO

Maryanna Nascimento¹
Eugenia Leone²

RESUMO: Este trabalho analisa a condição de atividade e o tipo de ocupação das mulheres negras baianas em 2019. A Bahia, mesmo constituindo o Estado com a maior proporção de população negra, ainda apresenta desvantagens comparativas acentuadas para essa população, em particular para as mulheres. A hipótese é de que as mulheres negras baianas, principalmente as pobres, continuam nas piores posições dos indicadores sociais desde a abolição e que estão inseridas em ocupações semelhantes àquelas exercidas no período colonial, como os trabalhos de serviços presentes na esfera da reprodução. Utilizaram-se os dados da PNADC do IBGE. As variáveis utilizadas foram: renda domiciliar per capita, condição de atividade, ocupação (posição na ocupação e setor de atividade), desagregando os dados por sexo e cor, considerando negra a população que se autodeclara preta ou parda. Conclui que parte considerável das mulheres negras baianas se encontra em ocupações elementares e de serviços, com menor valor social e baixos salários, mostrando a persistência das desigualdades sociais para essa parte da população.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres negras; Bahia; mercado de trabalho; divisão sexual do trabalho; divisão racial do trabalho.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar como as relações de gênero e raça interferem na posição ocupacional da mulher negra no mercado de trabalho baiano. Utilizaram-se os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de 2019, último ano antes da crise pandêmica, observando aspectos como: renda domiciliar per capita, condição de atividade, setor de atividade e tipo de ocupação.

A análise mostra que grande parte das ocupações das mulheres negras baianas continua semelhante àquelas exercidas na escravidão como, por exemplo, os trabalhos de serviços presentes na esfera da reprodução, com bai-

1 Mestra em Desenvolvimento Econômico pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas - IE/UNICAMP na área de Economia Social e do Trabalho (2023). Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2018). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Trabalho, Política e Sociedade - NETPS/UESB.

2 Possui graduação em Estatística pela Universidade Estadual de Campinas (1978), mestrado em Economia pela Universidade de São Paulo (1988) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1994). É docente aposentada do Instituto de Economia (IE) da UNICAMP e, atualmente, é Professora Colaboradora na mesma instituição.

xa remuneração.

O histórico colonial aliado à localização geográfica no nordeste brasileiro coloca a Bahia na “periferia da periferia” capitalista. Tal característica impacta negativamente o estado, pois “estar na periferia de um país também periférico implica poucos recursos de capital e trabalho para o seu crescimento e desenvolvimento”³. O estado perdeu representatividade na economia nacional ainda no século XIX, passando por uma fase de estagnação econômica que perdurou até meados do século XX.

Além de ter a maior proporção de população negra do país, 80,3%, a Bahia apresenta muitas contradições decorrentes de seu processo de formação e políticas de desenvolvimento que, aliados ao baixo dinamismo econômico e falta de investimentos nacionais de grande porte, influenciam as persistentes desigualdades no mundo do trabalho.

Essas desigualdades afetam sobretudo as mulheres negras, que representam a maioria da população do estado, e vivem, historicamente, maior desvantagem social quando comparadas com homens e mulheres brancas. A população negra mesmo sendo maioria constitui minoria em direitos sociais, políticos e econômicos, o que se reflete na inserção e permanência das mulheres no mundo do trabalho, com base em desigualdades relacionadas à divisão sexual e racial do trabalho.

O trabalho é a base material que norteia essas relações, mas a experiência das mulheres na produção e reprodução dos trabalhadores é diversa, sendo necessário articular a divisão sexual e racial do trabalho para identificar que as condições de gênero e de raça interferem diretamente sobre o modo de viver das mulheres. De acordo com Kergoat⁴, a divisão sexual do trabalho é a maneira como o trabalho é dividido entre homens e mulheres na sociedade, destacando que essas diferenças não são naturais, fruto de um destino biológico, elas ocorrem e se adaptam historicamente, por meio das relações sociais de sexo.

É possível perceber que a divisão sexual do trabalho fornece as bases das hierarquias de gênero no trabalho. O gênero é construído e representado de maneira diferente segundo a localização dentro dos espaços de poder que envolvem os processos econômicos, políticos e ideológicos.⁵ Para Lélia Gonzalez⁶, numa sociedade com divisão sexual e racial do trabalho, as mulheres negras são vistas como cidadãs de segunda classe, encarando uma terrível carga de discriminação, pois, são vistas com uma inferiorização ainda maior do que aquelas encontradas pelas outras mulheres, “constituindo o setor mais oprimi-

3 PESSOTI et al. *Memórias da Economia Baiana*. SEI: Salvador, 2020.

4 KERGOAT, D. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. In: HIRATA, H. et al. (Org). *Dicionário Crítico do Feminismo*. 3.a ed. São Paulo: Unesp, 2009.

5 BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu* n. 26, jun. 2006: pp.329-376.

6 GONZALES, L. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

do da sociedade brasileira⁷. A autora argumenta que o racismo faz parte de uma articulação ideológica e tem uma eficácia estrutural, porque estabelece uma divisão racial do trabalho levando a uma pirâmide social hierárquica onde a base é formada e sustentada pelo trabalho de mulheres negras.

Para Hasenbalg⁸, a divisão racial do trabalho sustenta a ideia de divisão hierárquica do trabalho, porque “a raça é mantida como símbolo de posição subalterna [...] e continua a fornecer a lógica para confinar os membros do grupo racial subordinado àquilo que o código racial define como seus lugares apropriados⁹”.

Nesse sentido, Theodoro¹⁰ destaca que o racismo molda uma sociedade que naturaliza a desigualdade como parte da paisagem social, fazendo disso base de apoio para continuar funcionando. Isso permite a inequidade secular no Brasil. O autor argumenta que “existe uma lógica de manutenção do racismo. Sua continuidade é resultado de uma correlação de forças, que até hoje tem pendido para um mesmo lado. Mas a tensão existe e é perene¹¹”. Por essa razão, a questão racial é elemento central para compreender o mercado de trabalho brasileiro e auxilia a entender as principais diferenças de inserção e permanência da mulher negra no mercado de trabalho.

A posição ocupacional da mulher negra no mercado de trabalho baiano foi analisada considerando a renda domiciliar per capita na Bahia, comparando-a com a do estado de São Paulo. Os domicílios foram agrupados em três categorias de renda: muito baixa, baixa e não baixa. Os domicílios de renda muito baixa foram aqueles com renda per capita até 25% do salário-mínimo nacional para a Bahia e metade do salário-mínimo nacional para São Paulo. Os domicílios de renda baixa foram aqueles com renda domiciliar per capita entre 25% do salário-mínimo e um salário-mínimo na Bahia, e entre metade do salário-mínimo e o dobro do salário-mínimo em São Paulo. Por último, os domicílios de renda não baixa foram aqueles com renda domiciliar per capita maior que o salário-mínimo na Bahia e que dois salários-mínimos em São Paulo.

A condição de atividade foi analisada destacando a taxa de ocupação (Ocupados/PIA). Para o estudo da posição ocupacional, a PIA foi desagregada entre inativos, desempregados e ocupados nos setores público e privado, no trabalho doméstico, no trabalho por conta própria, no trabalho familiar e como empregador. De forma complementar, consideram-se também os setores de atividade e os tipos de ocupação. As mulheres negras no mercado de trabalho baiano foram comparadas com os homens negros.

7 Idem. Ibidem.

8 HASENBALG, C. A. Discriminações e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

9 Idem. Ibidem.

10 THEODORO, M. **A Sociedade Desigual**: racismo e branquitude na formação do Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

11 Idem. Ibidem.

1. Caracterização da distribuição de renda domiciliar na Bahia

A população da Bahia, em 2019, era de 14,8 milhões de pessoas e a do estado de São Paulo, 45,9 milhões. Portanto, a população residente no estado de São Paulo era 3,1 vezes a do estado da Bahia. A renda domiciliar per capita de São Paulo era 2,1 vezes a da Bahia. Por consequência da maior população e da maior renda domiciliar per capita, a renda domiciliar total do estado de São Paulo era de 89,6 bilhões de reais e a do estado da Bahia de 13,7 bilhões de reais, ou seja, a renda domiciliar de São Paulo era 6,5 vezes a da Bahia. O índice de Gini mostra que a desigualdade na distribuição de renda domiciliar per capita é maior no estado da Bahia do que no estado de São Paulo (Tabela 1).

É possível inferir que a diferença de renda domiciliar total entre Bahia e São Paulo se deve à diferença de diversificação e integração das atividades econômicas em cada um dos estados. No entanto, analisando para além dos números e considerando a construção histórica dessas regiões, percebe-se que houve investimentos privados, nacionais e estrangeiros, além de estatais, com importâncias orçamentárias e de poder bem distintas na formação do mercado de trabalho brasileiro, após a abolição, numa espécie de divisão socioeconômica do espaço geográfico.

É importante destacar que São Paulo está na região Sudeste do país, que sempre concentrou maior atenção governamental, e que a Bahia está na região Nordeste, conhecida por ser uma “periferia da periferia” capitalista. Além disso, apresenta especificidades climáticas para a convivência com a seca em suas regiões semiáridas. São Paulo apresenta as maiores oportunidades econômicas e localiza-se nesse estado uma das maiores cidades da América Latina, proporcionando mais oportunidades de negócios e de emprego e permitindo aos domicílios de São Paulo apresentarem uma renda per capita bem maior do que a do estado da Bahia.

Essas diferenças levam a uma renda domiciliar per capita muito baixa, que prejudica enormemente a população baiana. As diferenças entre esses dois estados remontam a uma política oficial de branqueamento da população, por meio do processo de imigração ocorrido após a abolição. Tal medida trouxe levas de estrangeiros para a força de trabalho paulista e deixou o Nordeste, em especial a Bahia, no subdesenvolvimento, não sendo coincidência esse estado apresentar a maior participação de população negra entre todos os estados do país.

**Tabela 1. População, renda domiciliar e índice de Gini.
Bahia e São Paulo, 2019**

	Bahia (BA)	São Paulo (SP)
População * (em milhões)	14,8	45,9
Média da renda domiciliar per capita	929	1.952
Renda domiciliar total (milhões de reais)	13.749	89.597
Índice de Gini	0,557	0,526

* Exclui os sem declaração de renda.

Fonte: IBGE - PNADC anual 2019

Essas realidades distintas permitem inferir que a população negra baiana possui as piores condições de sobrevivência, considerando que os negros formam a maioria do contingente populacional do estado e que as desigualdades raciais determinam os piores rendimentos. As mulheres negras são maioria da população baiana e constituem a maior parcela de pessoas de baixa renda, indicando que, além da questão racial, existem aspectos de gênero que se destacam e merecem maior acurácia. Cabe ressaltar que, de modo geral, no Brasil as mulheres negras, com destaque para as chefes de família, formam a maioria dos domicílios pobres (7,8 milhões)¹². O fato de as menores oportunidades de negócios e de emprego afetarem principalmente os domicílios com menor renda per capita da Bahia contribuiu para que esse estado, que tem baixo nível de renda, apresente maior desigualdade de renda domiciliar per capita que o estado de São Paulo.

Essas desigualdades fazem com que na Bahia não apenas o nível de renda dos domicílios seja menor do que em São Paulo, mas a proporção de domicílios e de pessoas com renda muito baixa (com renda per capita até 25% do salário-mínimo nacional) seja maior na Bahia do que em São Paulo (com renda per capita até metade do salário-mínimo nacional). A proporção de domicílios de muito baixa renda na Bahia é de 18,9%, com 22,2% da população, enquanto em São Paulo essas proporções são de 11,7% dos domicílios e 14,7 % da população. O número de pessoas por domicílio é semelhante nos dois estados, nos três níveis de renda identificados (Tabela 2).

12 Idem. Ibidem.

Tabela 2: Distribuição dos domicílios, das pessoas e pessoas por domicílio conforme a renda domiciliar. Bahia e São Paulo, 2019

Faixas de renda em 2019	Bahia			São Paulo		
	Domicílios	Pessoas	Pessoas x domicílio	Domicílios	Pessoas	Pessoas x domicílio
Muito baixa	18,9	22,2	3,4	11,7	14,7	3,6
Baixa	52,1	53,7	2,9	56,6	58,9	3,0
Não baixa	29,0	24,1	2,4	31,7	26,4	2,4
Total *	100,0	100,0	2,9	100,0	100,0	2,8

* Foram excluídos do total os casos sem informação

Fonte: IBGE - PNADC anual, 2019

A Bahia tem menor proporção tanto de domicílios de renda baixa como de renda não baixa, que abrangem menores proporções da população total deste estado, comparado com São Paulo. A Bahia tem proporção de pessoas negras na população total que é o dobro da de São Paulo. A diferença é menor considerando somente os domicílios com renda muito baixa e baixa e muito maior nos domicílios de renda não baixa. Ou seja, São Paulo tem proporcionalmente bem menos pessoas negras em sua população, mas é nos domicílios com renda não baixa que a diferença entre Bahia e São Paulo, na proporção de pessoas negras, é mais acentuada, indicando que em São Paulo a chance de a população negra ter domicílio de renda não baixa é menor que na Bahia. Isso mostra que existem desvantagens cumulativas para a população negra, independentemente de residirem em região com maior pujança econômica.

2. Condição de atividade na Bahia em comparação com São Paulo

Na Bahia e em São Paulo, quanto maior o nível de renda do domicílio maior a taxa de ocupação (Tabela 3). Ou seja, os domicílios de maior renda têm maior proporção da população com 14 e mais anos de idade ocupadas, contribuindo para a renda do domicílio. Nos domicílios de renda muito baixa, nos dois estados, é muito pequena a taxa de ocupação, indicando a dificuldade das pessoas desses domicílios para participar da atividade econômica. Para os domicílios de renda não baixa, homens e mulheres negros têm maior taxa de ocupação que a dos homens e mulheres brancos, sugerindo que os negros têm que ter maior taxa de ocupação para ter domicílio de não baixa renda. No estado de São Paulo, também para os domicílios de renda baixa, as taxas de ocupação das mulheres e homens negros são bem maiores do que as das mulheres e homens brancos, enquanto na Bahia, que tem menos oportunidades de negócios e de emprego, as diferenças de taxa de ocupação de negros

e brancos nesses domicílios de renda baixa são bem menores do que em São Paulo. A mulher baiana negra de domicílio de renda baixa não apresenta taxa de ocupação maior que a das brancas, como ocorre no estado de São Paulo.

Tabela 3. Taxas de ocupação por sexo, cor e faixas de renda domiciliar - Bahia e São Paulo, 2019

Faixas de renda em 2019	Bahia				São Paulo			
	Mulher		Homem		Mulher		Homem	
	Negra	Branca	Negro	Branco	Negra	Branca	Negro	Branco
Muito baixa	22,7	20,5	39,0	39,2	29,8	24,3	42,7	46,8
Baixa	37,9	37,7	58,4	56,2	54,0	48,9	72,1	66,3
Não baixa	61,5	53,8	76,6	72,1	70,1	61,2	85,7	78,8
Total	40,5	40,8	59,2	58,8	51,8	51,2	69,8	69,4

Fonte: PNADC Anual 2019

A partir dos dados acima, percebe-se que a discriminação de sexo e raça é marca do mercado de trabalho e que as mulheres negras baianas continuam sendo as maiores prejudicadas, com menores oportunidades de trabalho e possibilidades de ascensão social. Há desníveis sociais presentes, porque as mulheres negras não participam do sistema produtivo em par de igualdade, nem com as mulheres brancas, menos ainda com os homens, por isso seguem sendo penalizadas. Tal situação não é obra do acaso, mas resultado da trajetória das relações sociais. É preciso encarar que existe uma condição específica de ser mulher negra e em maioria pobre no estado da Bahia, o que será discutido a seguir.

3. Mulheres negras no mercado de trabalho baiano

As distribuições por nível de renda domiciliar de mulheres e homens, negros e brancos, com 14 anos ou mais de idade (PIA) indicam que, no estado da Bahia, mulheres e homens brancos têm renda domiciliar, em geral, maiores do que as de mulheres e homens negros. Assim, pouco mais de 15% da PIA branca, feminina e masculina, tem domicílio com renda per capita muito baixa, enquanto no caso da PIA negra feminina e masculina essa proporção situa-se próximo de 20%. Em contrapartida, cerca de 35% da PIA branca masculina e feminina tem domicílio com renda não baixa e essa proporção é de aproximadamente 25% no caso da PIA negra masculina e feminina (Tabela 4).

A Tabela 4 mostra a desigualdade de renda domiciliar de negros e brancos na Bahia. Essa desigualdade não faz parte de um fenômeno natural, é his-

tórico o cenário dessemelhante. Para Theodoro¹³, a preservação da diferença ocorre para atender grupos específicos que são menores em quantidade, mas maiores em poder político e econômico. Segundo o autor, são os “detentores seculares do poder” que atuam na produção das desigualdades atuais, dentre elas o mercado de trabalho. Por isso, mesmo com todas as mudanças ocorridas ao longo dos anos, o racismo continua ditando os lugares de inserção do negro na sociedade de classes. Essas barreiras ideológicas sustentadas por estruturas de poder impedem que ocorram mudanças efetivas na sociedade.

Tabela 4. Distribuição da PIA conforme cor, sexo e nível de renda domiciliar. Bahia, 2019

Renda Domiciliar	Bahia			
	Negros		Branco	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem
Muito baixa	20,4	19,8	15,0	16,8
Baixa	55,3	54,7	49,4	49,2
Não Baixa	24,3	25,5	35,6	34,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE - PNADC anual, 2019

A situação ocupacional das pessoas é importante para o nível de renda dos seus domicílios. À medida que se consideram domicílios de renda maior, as proporções da PIA inativa e desempregada diminuem e aumenta a da PIA ocupada. A maior taxa de ocupação é uma primeira indicação da situação ocupacional, permitindo comparar mulheres e homens, negros e brancos (Tabela 5).

No caso das mulheres negras da Bahia, a taxa de ocupação varia entre 22,7% da PIA nos domicílios de renda muito baixa a 61,5% dos domicílios de renda não baixa. Esse aumento da taxa de ocupação com o nível de renda domiciliar reflete as diminuições das proporções de inativos e de desempregados. Para as mulheres negras baianas, a proporção da PIA inativa varia de 58,1% nos domicílios de renda muito baixa para 33,5% nos domicílios de renda não baixa e a diminuição da proporção da PIA desempregada vai de 19,2% para 5,1%. A crescente taxa de ocupação das mulheres negras baianas com o nível de renda domiciliar se deve principalmente aos empregos nos setores privado e público e ao trabalho por conta própria.

Tabela 5. Distribuição da PIA feminina e masculina negra segundo condição de atividade e posição na ocupação, por nível de renda domiciliar. Bahia, 2019

Condição de atividade e posição na ocupação	Muito Baixa		Baixa		Não Baixa	
	Negra	Negro	Negra	Negro	Negra	Negro
PIA	100,0	100,0	100,0	100,0	100	100,0
Inativos	58,1	39,1	52,6	33,6	33,5	20,7
Desocupados	19,2	21,9	9,5	8,0	5,1	2,7
Ocupados	22,7	39,0	37,9	58,4	61,5	76,6
Empregado S. Privado	3,9	17,8	13,3	32,1	24,7	36,4
Trab. Doméstico	8,0	0,4	7,1	0,7	3,4	0,3
Empregado S. Público	0,6	0,4	5,8	3,9	15,6	12,2
Empregador	-	-	0,7	1,1	2,8	5,7
Conta própria	7,8	18,2	9,4	19,4	13,1	21,7
Trab. Familiar	2,4	2,1	1,8	1,3	2,1	0,4

Fonte: IBGE - PNADC anual, 2019

A situação ocupacional das mulheres negras baianas é inferior à dos homens negros baianos. A taxa de ocupação dos homens negros baianos varia entre 39% nos domicílios de renda muito baixa e 76,6% nos domicílios de renda não baixa. A proporção da PIA inativa é muito menor no caso dos homens negros em todos os níveis de renda dos domicílios e, principalmente, nos domicílios de renda não baixa. A proporção da PIA desempregada é também menor no caso dos homens negros. A maior taxa de ocupação dos homens negros se deve ao emprego no setor privado e ao trabalho por conta própria. O emprego no setor privado chega a absorver 24,7% da PIA feminina negra nos domicílios de renda não baixa, mas no caso dos homens negros essa proporção é de 36,4%. Já o trabalho por conta própria absorve 13,1% da PIA feminina negra nos domicílios de renda não baixa, mas essa proporção é de 21,7% no caso dos homens negros.

É necessário fazer um destaque sobre a persistência das mulheres negras no trabalho doméstico. O trabalho doméstico é um tipo de serviço prestado majoritariamente pelas mulheres negras que relembra o período colonial, quando elas faziam todos os serviços relativos às atividades de reprodução como lavar, passar, engomar, cozinhar, dentre outras. Na atualidade, esse tipo de serviço essencial e mal pago continua fazendo parte da cesta de consumo da classe média brasileira, em especial na análise, a baiana.

A situação ocupacional das mulheres negras da Bahia contribui para aumentar a renda dos seus domicílios, mas as insuficientes oportunidades trabalho limitam as possibilidades ocupacionais para os baianos, especialmente para as mulheres negras que têm situação ocupacional pior que a dos homens

negros.

4. Setores de atividade e tipos de emprego que absorvem as mulheres negras baianas.

Interessa verificar o tipo de ocupação das mulheres negras de domicílios de diferentes níveis de renda porque a sociabilidade brasileira foi forjada sob a divisão racial e de classe, negar isso é desconsiderar a realidade do país¹⁴. Dentre os setores de atividade que absorvem o trabalho das mulheres negras nos domicílios de renda muito baixa destacam-se serviços domésticos (35,5%), agricultura (25,7%), comércio e reparação (12,5%), alojamento e alimentação (8,9%), indústria (7,7%), outros serviços, onde se destacam serviços pessoais e comunitários (5,1%) e educação, saúde, serviços sociais (3,4%) (Tabela 6).

A composição setorial da absorção ocupacional de mulheres negras baianas muda significativamente quando são considerados domicílios de renda baixa e não baixa. Na absorção de mulheres negras de domicílios de renda baixa destacam-se educação, saúde e serviços sociais (19,4%), serviços domésticos (18,8) %, comércio e reparação (18,8%), alojamento e alimentação (10,4%), agricultura (8,3%), indústria (8,0%), outros serviços (7,2%), serviços para empresas (4,9%) e administração pública (3,4%). Comparando a composição setorial da ocupação das mulheres negras de domicílios de renda muito baixa e baixa destacam-se a redução da importância relativa da agricultura e do serviço doméstico e o aumento da importância de educação, saúde, serviços sociais (16,0 pontos percentuais), comércio e reparação (6,3 pontos percentuais), serviços para empresas (4,1 pontos percentuais), administração pública (2,9 pontos percentuais), outros serviços (2,2 pontos percentuais) e alojamento e alimentação (1,5 pontos percentuais).

Tabela 6. Distribuição das mulheres negras ocupadas, segundo setor de atividade e nível de renda dos domicílios. Bahia, 2019

Setor de Atividade	até 1/4 SM	1/4 a 1 SM	mais de 1 SM
Agrícola	25,7	8,3	2,0
Indústria	7,7	8,0	7,1
Construção	-	0,3	0,7
Comércio e reparação	12,5	18,8	21,6
Transporte, arm. e correio.	-	0,4	1,4
Alojamento e alimentação	8,9	10,4	6,8
Serv. prestados a empresas	0,8	4,9	11,2
Administração pública	0,5	3,4	7,7
Educação, saúde e serv. sociais	3,4	19,4	31,1
Outros serviços	5,1	7,3	4,7
Serviços domésticos	35,5	18,8	5,5
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE - PNADC anual, 2019

É também muito diferente a composição setorial na absorção das mulheres negras de domicílios de renda baixa e não baixa. Continua a diminuição da importância relativa da agricultura e dos serviços domésticos e continua aumentando a importância relativa de educação, saúde e serviços sociais (11,7 pontos percentuais), serviços para empresas (6,7 pontos percentuais), administração pública (4,3 pontos percentuais) e comércio e reparação (2,8 pontos percentuais).

Assim, as oportunidades ocupacionais criadas pelos setores de educação, saúde e serviços sociais; comércio e reparação, serviços para empresa e administração pública foram fundamentais para que as mulheres negras da Bahia pudessem contribuir para elevar a renda domiciliar per capita de seus domicílios. Esses quatro setores de atividade respondem por 71,6% das ocupações de mulheres negras com domicílio de renda não baixa.

A composição por tipo de ocupação também é muito diferente para as mulheres negras de domicílios com diferentes níveis de renda. As mulheres negras de domicílios de renda muito baixa trabalham em ocupações elementares (46,3%), ocupações de prestação de serviços (29,7%), ocupações agrícolas qualificadas (14,3%) e ocupações não agrícolas qualificadas (5,7%). A importância relativa das ocupações elementares e das ocupações agrícolas qualificadas é bem menor na absorção de mulheres negras de domicílios de renda baixa, mas as ocupações de prestação de serviços têm uma importância relativa ainda maior na absorção de mulheres negras de domicílios de renda baixa (aumenta 8,3 pontos percentuais) e também aumenta a importância relativa das ocupações de profissionais com educação de nível superior (6,7 pontos percentuais), ocupações de apoio administrativo (6,8 pontos percentuais) e técnicos de nível

médio (3,7 pontos percentuais) (Tabela 7).

Tabela 7. Distribuição das mulheres negras ocupadas segundo grupos ocupacionais e nível de renda dos domicílios. Bahia, 2019

Grupos Ocupacionais	até 1/4 SM	1/4 a 1 SM	mais de 1 SM
Diretores e gerentes	0,1	0,9	3,7
Prof. das ciências e intelectuais	1,0	7,7	25,2
Técnicos de nível médio	0,8	4,5	11,5
Trab. de apoio administrativo	1,5	8,3	16,0
Trabalhadores dos serviços	29,7	38,0	29,4
Trab. qualif. da agricultura	14,3	4,8	1,0
Trab. qualif. operários....	5,7	6,7	4,4
Operadores de instalações e maq....	0,7	1,6	1,2
Ocup. elementares	46,3	27,5	7,1
Membros das forças armadas e aux.	-	-	0,6
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE - PNADC anual, 2019

Na comparação da composição dos tipos de ocupação das mulheres negras de domicílios de nível de renda baixa e não baixa destacam-se a continuação da diminuição da importância relativa das ocupações agrícolas qualificadas e de ocupações elementares e passa a diminuir a importância relativa das ocupações de prestação de serviços e as ocupações não agrícolas qualificadas e aumentam as importâncias relativas de profissionais com educação de nível superior (17,5 pontos percentuais), ocupações de apoio administrativo (7,7 pontos percentuais), técnicos de nível médio (7,0 pontos percentuais) e diretores e gerentes (2,8 pontos percentuais). Não obstante, enquanto diretores e gerentes, profissionais com educação de nível superior, técnicos de nível médio e ocupações de apoio administrativo abrangem 56,4% das ocupações das mulheres negras de domicílios de renda não baixa, ocupações elementares, ocupações agrícolas qualificadas e ocupações de prestação de serviços ainda são responsáveis pela absorção de 40,9% das mulheres negras de domicílios de renda não baixa.

As ocupações elementares e de prestação de serviços ainda têm uma representação muito alta para as mulheres negras, mesmo nos estratos de renda domiciliar não baixa e isso é problemático. Essas ocupações oferecem baixos salários de difícil capacidade de reversão e baixa proteção social, indicando que as mulheres negras baianas ainda têm trabalhos parecidos com os do período da escravidão, se considerarmos que nesse período elas eram mucamas, amas-de-leite, damas de companhia etc. e em 2019 estavam ocupando trabalhos elementares e de prestação de serviços que estão relacionados à esfera

da reprodução como babás, cozinheiras, passadeiras, dentre outros serviços.

Considerações finais

Este trabalho procurou caracterizar a posição ocupacional da mulher negra no mercado de trabalho baiano como expressão das relações de gênero e raça, considerando a distribuição de renda domiciliar per capita na Bahia, comparando-a com a do estado de São Paulo. Como o Brasil foi o último país a abolir a escravidão, essa marca histórica faz parte da raiz das desigualdades brasileiras. O país não integrou na nação os ex-trabalhadores escravizados, por conta de um raciocínio que vem desde a época da colônia e reverbera na contemporaneidade. Ao final do período escravocrata, na transição para o trabalho livre, as diferenças regionais foram significativas e trouxeram um isolamento socioeconômico para a população negra, que ficou concentrada nas áreas do país que menos desenvolveram as atividades econômicas.

Os incentivos à imigração estrangeira como política de branqueamento da população nas áreas com maior desenvolvimento das atividades econômicas, em vez de um esforço nacional para a incorporação da população negra, contribuiu para provocar uma disponibilidade de trabalhadores maior do que as vagas oferecidas para ingresso no mercado de trabalho e a população negra constituiu a maioria desses “sobrantes” da população, localizada principalmente nas áreas com menor desenvolvimento das atividades econômicas. O estado da Bahia é um exemplo desta situação, contando com uma população eminentemente negra, mas em desvantagem na disputa pelas escassas oportunidades de negócios e de empregos, comparado com outros estados com maior diversificação e integração de atividades econômicas e maioria de população não negra.

O racismo tem essa capacidade de transformar diferenças, próprias de um país de dimensões continentais como o Brasil, em desigualdades. Como essas questões ainda não são tratadas com o rigor necessário pelas instituições, pelo governo e pela sociedade, a maioria negra da população do país continua sendo prejudicada e imobilizada socialmente, já que as melhores oportunidades lhes são restringidas. Isso ocorre porque a referência de valor, o modelo ideal socialmente aceito é branco. A branquitude é uma construção social que beneficia a população branca. Toda população branca é beneficiária do racismo e recebe seus dividendos, mesmo aqueles que não são proprietários dos meios de produção.

Assim, mesmo com a maior inserção das mulheres no mundo do trabalho as diferenças de ocupação e remuneração continuam expressivas, principalmente para as mulheres negras concentradas nos trabalhos elementares da reprodução, que foi e continua sendo sustentado por mãos negras. As mulheres continuam tendo desvantagens nas atividades de maior valor social agre-

gado e se concentram nos trabalhos de cuidado. Nesse contexto, é expressiva a diferença entre ser uma mulher negra e uma mulher branca num mercado de trabalho estruturado sob o racismo, em que a raça apresenta uma forma específica de viver a experiência de classe.

O resultado da distribuição das mulheres negras segundo grupos ocupacionais confirma que grande parte das mulheres negras baianas, sobretudo as mulheres pobres, continuam em ocupações semelhantes àquelas exercidas no período da escravidão. Quais sejam as ocupações elementares e de prestação de serviços que não exigem qualificação nem elevado nível de especialização como as atividades domésticas, de limpeza, preparação e manipulação de alimentos, ambulantes, coletoras de lixo, dentre outras atividades de baixíssima remuneração.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Polén, 2019.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA BAHIA. Salvador: **Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia**, v. 27, 2014.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376, jun. de 2006.

GONZALES, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. A. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HASENBALG, C. A. **Discriminações e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua**. Rio de Janeiro; IBGE, 2019.

KERGOAT, D. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. In: HIRATA, H. et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. 3.a ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

PESSOTI, G. C; PESSOTI, F. C. L; SILVA, D. V. **Memórias da Economia Baiana**. Salvador: SEI, 2020.

SILVA, M. N. de O. **Inserção e permanência das mulheres negras no mercado de trabalho baiano**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Econo-

mia, Universidade de Campinas, Campinas, 2023.

THEODORO, M. **A Sociedade Desigual**: racismo e branquitude na formação do Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SEXO E RAÇA: A MULHER
NEGRA NO MERCADO DE
TRABALHO BAIANO